

## ENTREVISTA COM MILTON HATOUM

Danivia Cassiano **FELICIANO**<sup>1</sup>

Letícia **BARBOZA**<sup>2</sup>

[...] a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo com outra atividade humana” (COSSON, 2006, p.16).

O grupo de acadêmicos participante do projeto PIBID de Português – eixo Letramento Literário<sup>3</sup>, turma 2015, da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *campus* de Cornélio Procópio -, entrevistou o escritor Milton Hatoum, autor do romance *Dois irmãos*.

O referido romance orientou a intervenção no espaço escolar, cujas ações estão voltadas para o Letramento Literário, a partir dos pressupostos de Rildo Cosson (2009)<sup>4</sup>, no desenvolvimento de atividades sistematizadas de leitura literária, articulando com os quatro grandes eixos que fundam as *Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná* (2008) - leitura, oralidade, análise linguística e produção escrita -, a partir da elaboração de Sequências Básicas e Expandidas. Esta vertente do projeto, intitulado “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual”, vincula-se ao Programa Nacional Biblioteca da Escola/MEC, que prevê, ainda, como aporte de material didático, adotar obras literárias remetidas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola/MEC.

A entrevista com Milton Hatoum ocorrida no dia 24 de novembro de 2015, por telefone, contou com a participação dos acadêmicos bolsistas, da supervisora, Inês Cardim Bressan, da coordenadora do subprojeto, Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone, bem como dos alunos do 2º ano B, do Colégio Estadual Monteiro Lobato, no município de Cornélio Procópio – PR, escola na qual as atividades foram desenvolvidas. Importante destacar que as perguntas dirigidas ao escritor foram elaboradas pelos alunos e bolsistas, as quais foram selecionadas pelo grupo de trabalho.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Cornélio Procópio. Bolsista de iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Cornélio Procópio. Bolsista de iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

<sup>3</sup> O subprojeto PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência/CAPES, intitulado “Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual”, Eixo 1 - Letramento Literário, é coordenado pela Profa. Dra. Ana Paula Franco Nobile Brandileone, com a colaboração da Profa. Dra. Vanderléia da Silva Oliveira, contando com dois professores supervisores da rede básica de ensino e onze bolsistas de iniciação à docência.

<sup>4</sup> COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 3 ed. Ed. Contexto: São Paulo, 2009.

O autor aqui entrevistado, Milton Hatoum, além de escritor, é tradutor, professor e, também, já trabalhou como jornalista cultural. Amazonense, formado em arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, é considerado um dos grandes escritores brasileiros da contemporaneidade. Escreveu diversos livros, dentre eles uma obra de contos, *A cidade ilhada* (2009), e os romances *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000), *Cinzas do norte* (2005) e *Órfãos do eldorado* (2008), todos publicados pela Companhia das Letras, sendo que os três primeiros foram premiados com o Jabuti. Já *Cinzas do norte* ganhou os prêmios Portugal Telecom (2006), APCA (2005) e *Bravo!* (2006). Importante destacar que sua obra já foi traduzida para diversos idiomas e foi publicada nos Estados Unidos e na Europa.

Na entrevista o autor apresenta o seu despertar pela carreira literária, suas influências literárias, sobre o sofrido processo de criação literária, sobre as funções da literatura, algumas de suas inspirações para a elaboração da obra *Dois irmãos*, bem como trata da formação de leitores, que é o foco principal desse subprojeto do PIBID. Abaixo segue a entrevista transcrita pelos bolsistas de iniciação à docência.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Com quantos anos o senhor descobriu que podia escrever livros?*

**MH:** Eu escrevi um primeiro poema em Brasília, em 1969, quando eu sai de Manaus. Sai de Manaus para estudar em Brasília, em 1968. Fui estudar sozinho lá e lá eu comecei a escrever poesia, mas eu já era leitor de literatura, porque na escola pública em Manaus eu comecei a ler livros importantes da literatura brasileira. Li Graciliano Ramos, *Vidas secas*, *Capitães da Areia*, do Jorge Amado, *Os Sertões*, e isso foi importante na minha formação. Mas eu não tinha a pretensão de ser escritor.

Em Brasília eu publiquei um poema no jornal *Correio Brasiliense*, depois, aqui em São Paulo, quando eu vim prestar vestibular para arquitetura, eu comecei a ler muita coisa de literatura europeia, literatura brasileira e hispano-americana, e me deu vontade de escrever. Então, eu comecei a escrever um romance quando eu morava na Europa, quando eu morava na Espanha. E demorei sete anos para terminar esse romance, que foi *Relato de um certo oriente*.

Com vinte e poucos anos, eu comecei a me dedicar à literatura com um pouco mais de afinco, e como vocês podem notar, eu só publiquei quatro romances e um livro de crônicas e de contos, mas eu não tinha essa pretensão de ser escritor lá atrás.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Onde conseguiu inspiração para escrever Dois Irmãos, e quanto tempo demorou a escrevê-lo?*

**MH:** Bom, a inspiração vem de muitos lugares, da vida, minha experiência de vida, das minhas observações, mas, sobretudo, da minha leitura. A fonte principal de *Dois Irmãos* foi um romance, *Esau e Jacó*, de Machado de Assis. Eu li esse romance na juventude, nos anos 70. Então, nos anos 70, eu me apaixonei por esse romance do Machado, por toda a obra do Machado, eu li os contos do Machado lá atrás, em Manaus. A fonte literária foi a história desses gêmeos Esau e Jacó, e eu também tenho, vamos dizer, família de origem libanesa. Então a cultura do imigrante libanês, árabe, em Manaus, era muito forte e isso também foi motivo de inspiração para trabalhar com essa questão dos imigrantes em Manaus.

Comecei a pensar nos *Dois Irmãos* nos anos 90, depois de eu ter publicado *Relato de um certo oriente*. Deu muito trabalho, porque a construção desse narrador, esconder esse narrador, o Nael, que aos poucos aparece, a relação dele com os outros personagens. Eu não queria um narrador de uma classe social elevada, eu queria um narrador que fosse um menino pobre, que depois estudou. Eu conheci essas pessoas na escola pública, onde pobres e ricos estudavam juntos e elas ficaram na minha memória. Eu queria que essa história dos *Dois Irmãos* fosse contada por alguém que veio de baixo e conseguisse escrever essas memórias. Isso tudo graças ao avô Halim que gostava dele, tinha uma relação afetiva.

Eu demorei uns quatro anos para escrever esse livro, mas devo ter pensado uns 40 anos (risos). A gente pensa muito antes de escrever, você pensa muito antes, reflete sobre suas leituras, quais são os conflitos sociais, as relações humanas que estão no livro, o quadro histórico que está por trás de tudo isso. Essas coisas são importantes num romance. Eu tentei muito. Eu fiz 16 versões para vocês terem uma ideia, antes dele ser publicado.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Por que nas suas obras o senhor sempre fala da região amazônica?*

**MH:** Porque eu nasci em Manaus, eu sou de lá, nasci numa família amazonense, de imigrantes e a minha infância, também minha primeira juventude, foram passadas em Manaus. E isso é muito importante para a vida de um escritor, para quem vai escrever, mesmo sem saber que vai se tornar um escritor. Então, muita coisa do meu primeiro romance, de todos na verdade, tem a ver com esse mundo, com esse pequeno mundo de Manaus e um pouco também com o interior do Amazonas que eu conheço, vamos dizer, profundamente. Se eu tivesse nascido em Cornélio Procopio eu escreveria sobre a cidade, se eu tivesse nascido em Porto Alegre ou em Pequim eu escreveria sobre essas cidades, mas nem tudo o que eu escrevi foi sobre Manaus. Por exemplo, no meu livro de contos *A cidade ilhada*, alguns contos são ambientados fora de Manaus, alguns na Europa, onde eu vivi, outro no Estados Unidos, um outro no Rio de Janeiro, entre Rio e Paris.

Tem uma outra parte da minha vida que não foi vivida em Manaus e isso também faz parte da minha memória, do meu universo literário.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Na sua vida de leitor, qual é a obra que mais marcou sua história?*

**MH:** Muitas, por exemplo, essas que eu citei, que eu li na idade de vocês. *Vidas secas* e *Infância*, do Graciliano Ramos, foram obras que me marcaram muito. Eu li também em Manaus um conto extraordinário de um escritor francês, Gustav Flaubert, um conto chamado “Um coração simples”, que é muito lindo; eu traduzi trinta anos depois com um amigo meu. Chama *Três contos* e um dos contos desse livro é “Um coração simples”; é extraordinário. A personagem desse conto chama Felicité. É a história de uma empregada e é irônico porque a vida da Felicité que seria felicidade, é totalmente infeliz. E ela me inspirou para construir a personagem Domingas de *Dois Irmãos*; foi uma das fontes de inspiração para inventar essa personagem, essa empregada de *Dois Irmãos*. Eu li também Machado de Assis e Guimarães Rosa, que é um escritor extraordinário. Enfim, os escritores franceses, como Flaubert, muita gente do século XX, um escritor polonês de língua inglesa chamado Joseph Conrad, os escritores russos, Dostoiévski, Tolstói, Tchekhov, os clássicos, na verdade. Eu acho que todo escritor procura ler os grandes clássicos. Se eu ler Paulo Coelho, eu estou perdido, com livros de autoajuda ou *Cinquenta tons de cinza*; tudo isso não serve para quem quer escrever, para quem quer escrever seriamente. Eu sempre falo, eu acho que livro de autoajuda não são livros de literatura, são livros de autoajuda e depois você acaba gastando dinheiro com coisa que não te ajudam muito porque não é bem assim, não há uma receita para o bem viver. Então, eu acho que os clássicos da literatura, e eu acho que vocês, professores, sabe quais são, conhecem os bons livros. *Os ratos*, do Dionélio Machado, escritor gaúcho, é um livro extraordinário. Enfim, há tanta coisa boa na nossa literatura, como *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Então, são os clássicos.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Qual o impacto que o senhor queria causar ao se fazer valer da estratégia de reconstituir a idade de Nael por meio de memórias?*

**MH:** Bom, a estratégia existe, é uma estratégia narrativa. Você para escrever um romance, você traça linhas gerais do que você quer, quem será o narrador, como é que você vai construir esse narrador. Então, a minha estratégia era fazer com que o Nael fosse esse narrador, mas foi muito difícil construir esse narrador. No começo não deu certo, tiveram algumas versões que não funcionaram. Ele estava muito distante do drama familiar, ele contava um pouco de longe a estória. Então o que eu fiz foi aproximar o narrador, envolvê-lo mais com a estória, aproximar o

narrador desse drama familiar e a estratégia foi essa. Quer dizer, no fim, o leitor sabe que ele é o porta voz dessa memória, essa memória familiar. Ele que não pertence inteiramente à família, não mantém laços com essa família. Ele é um menino filho de uma empregada, cujo pai ele desconhece. Ele sabe que é um dos gêmeos, mas o leitor não vai saber nunca quem é o pai, até eu não sei. Desde o início eu tinha certeza de que eu não podia saber quem era o pai, porque eu poderia revelar isso para o leitor e esse é um dos mistérios, um dos enigmas do romance, porque o romance não pode explicar, ele não é uma narrativa que explica, o romance, sobretudo, questiona, indaga, faz perguntas. Ele não responde, ele expõe temas humanos, relações humanas, conflitos sociais, enfim. Essa estratégia foi pensada desde o esboço dos *Dois irmãos*: fazer com que o narrador fosse esse porta-voz da memória familiar.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *A relação de Rânia com seus irmãos às vezes parece erotizada. Houve a intenção de trazer a questão do incesto?*

**MH:** Sem dúvida é uma relação como você falou erotizada. O incesto é um dos temas ou subtemas do romance. O incesto é um tabu em todas as culturas, em todas as civilizações, o incesto é uma espécie de tabu. Mas a grande relação incestuosa é da mãe com o filho, da Zana com o Omar. Aí que está a relação mais problemática do romance, mas a Rânia tem um papel importante no romance, porque é ela, e não um dos homens, que leva adiante a pequena loja, a empresa do pai. É ela, figura feminina forte, que toma decisões sobre a loja do pai, porque ela também é vítima de um trauma da juventude, porque a sua mãe a proibiu de ter uma relação amorosa na juventude, então isso também causou um trauma a Rânia. Então ela é uma personagem que tem lá um momento no porão da loja tendo uma relação com Nael que, na verdade, é seu sobrinho, mas é uma relação que não é explícita, porque no romance o sexo explícito é muito complicado para ser escrito. Você não precisa descrever tudo, não é uma pornografia. Então você pode insinuar coisas dessa relação amorosa; eu tentei fazer isso.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Meu nome é Fábio, sou um dos universitários que faz parte do projeto. O nosso projeto visa levar o texto literário para a sala de aula, mais precisamente às escolas públicas, o que o senhor acha desse tipo de projeto?*

**MH:** Olha, eu acho importantíssimo. A literatura brasileira precisa ser lida e estudada nas escolas públicas, e como eu já falei, eu sou filho da escola pública, formado na escola pública. Eu li vários escritores da minha geração e, na verdade, tudo o que eu quero para o Brasil é uma escola pública de qualidade e, às vezes, os governos não ajudam, a prefeitura não ajuda e tudo vai

contra a escola pública. Aqui mesmo em São Paulo, não sei se vocês estão sabendo disso, mas várias escolas públicas foram ocupadas pelos estudantes, o governo quer acabar, quer fechar mais de 40 escolas (Profa. Inês: aqui no Paraná também, kkk). É um absurdo isso, é uma aberração, desrespeito, tudo que a gente precisa no Brasil é de uma boa formação escolar, educacional. E o que é preciso pra isso são recursos, bibliotecas, um bom salário para os professores, precisa de uma escola com espaço físico adequado, conveniente. O governo tem dinheiro pra gastar com estádios de futebol (bilhões) e como não tem dinheiro pra gastar com as escolas? Então, eu acho que esse projeto é louvável, eu dou todo meu apoio a ele, e se vocês quiserem eu posso enviar livros, meus livros, não muito, mas eu posso enviar, só me passar o endereço (Profa. Inês: Adorariamos rsrs). Eu faço isso pra ajudar algumas bibliotecas do Paraná, de Cornélio. Então tudo o que eu posso dizer é que eu dou o meu apoio incondicional a esse tipo de projeto. Eu sou um entusiasta da escola pública, eu dou palestra aqui em São Paulo em escolas públicas e procuro estimular os alunos, os leitores, porque nós temos tão poucos, nossa carência é tão grande e ouço tanto dizer que os brasileiros não gostam de ler, isso é um absurdo, é um mito negativo, pelo contrário, nós temos mais de dois mil leitores e não é pouco. Então é isso o que eu quero dizer.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Bom dia Milton, meu nome é Rafael, e também sou aluno do subprojeto e tenho uma pergunta: pensando sob a perspectiva de Antonio Candido no ensaio “A literatura e a formação do homem”, de que a literatura humaniza o homem, qual aspecto que você considera mais humanizador na sua obra?*

**MH:** Bom, eu acho que você citou aí o nosso maior crítico literário. Eu concordo inteiramente com Antonio Candido quando ele diz que a literatura é uma forma de conhecimento do mundo, da realidade, e de nós mesmos. O que eu tentei com meus livros, meus contos, romances, é aprofundar o conhecimento das relações humanas, de um Brasil deslocado, que está na Amazônia, de uma cidade desconhecida que é Manaus, pelo menos para a maioria dos brasileiros, de fazer o drama, praticar também uma forma de conhecimento de cada personagem e da identidade de uma cidade que foi destruída do ponto de vista histórico, do urbanismo, da arquitetura, da Zona Franca de Manaus, a especulação imobiliária, que destruiu muita coisa do centro urbano de Manaus, do centro histórico de Manaus. Então, vamos dizer, que as relações humanas e simbólicas em *Dois Irmãos* e em *Cinzas do Norte*, das relações também históricas, são bem importantes nesses livros e mesmo em *Órfãos do Eldorado* que tá passando também em filme, adaptado do romance, aqui em São Paulo. Em *Órfãos do Eldorado* procurei também mostrar a decadência. Esse Eldorado, que é o sonho de tanta gente, do espanhol, que antes do português

possuiu a Amazônia. É mostrar que esse mito é apenas um mito, uma história, vamos dizer, fantasiosa, que não deu certo. É essa basicamente a história do romance, é um desejo não realizado. E em algum momento do romance o narrador, os personagens, eles se dão conta que aquela vida passada não respondeu a um desejo que eles tinham, por isso que no romance não há um final feliz. A gente quer um final feliz pra nossa vida, mas a literatura é um espaço de tensões e conflitos, de falhas morais, dramas morais e dramas sociais, daí a importância dessa explicação do Antonio Candido.

**PIBID-PORTUGUÊS:** *Bom dia Milton, meu nome é Ana Carolina. Para você, qual é a melhor estratégia para se formar leitores voltados para a Literatura hoje em dia?*

**MH:** A melhor estratégia é ler bons livros e prestar atenção às aulas da professora (palmas e risos) e ler bons críticos também. O Rafael citou o Antonio Candido. Eu acho que o Antonio Candido é um crítico extraordinário; ele é quase um milagre nesse país. Ele escreve tão bem, de uma forma tão clara, que a gente tem impressão de que é muito inteligente quando lê Antonio Candido, entende tudo, sem jargão acadêmico, por exemplo; você entende o que ele fala sobre a literatura brasileira. Ele tem um livrinho sobre Graciliano Ramos, chamado *Ficção e Confissão*, que é extraordinário. Se vocês são leitores de Graciliano Ramos e têm esse livro de crítica vocês vão entender como é que funciona a obra do Graciliano Ramos, porque a crítica nos ajuda a entender os livros. Então eu acho, pra quem quer ser escritor, pra quem quer escrever, você tem que passar pelos bons livros. Você tem que ler os que eu já citei, você tem que ler o Flaubert, você tem que ler Conrad, alguma coisa do Tolstói, do Dostoiévski, e hoje nós temos grandes traduções também. A Editora 34 lançou todas as traduções desses escritores, uma tradução direta do russo. E se quiserem ler outros críticos importantes, tem o Davi Arrigucci Júnior, que é um crítico de São Paulo. Ele escreveu um livro chamado *Enigma e Comentário* que é maravilhoso. Então, não é possível ser escritor sem ler, sem se dedicar à leitura. Tudo que a gente escreve tem uma relação com o que a gente leu.

Chegou em: 22-03-2016

Aceito em: 02-04-2016